

tíficas do Brasil. Membro do Instituto do Ceará e Secretário Executivo da Comissão Cearense de Folclore, filiada à Comissão Nacional do Folclore, do Rio de Janeiro. Especializou-se nos estudos e pesquisas de Folclore e de Lingüística, nos quais é fortemente versado. Faz crítica literária, na estrita compreensão moderna do termo, descendo analiticamente ao cerne do assunto apreciado, para dessa análise extrair conclusões integrais e psicológicas e não meramente subjetivas ou sentimentais, de elogios ou censuras, como se fosse simples questão de paladar. Publicou: *Panorama Artístico na Época Colonial*, 1937; *Descartes — O Discurso Sobre o Método*, 1935; *Cultura Brasileira* (ensaios), 1938; *Estudos Cearenses*, 1ª série (tema de linguagem), 1942; *Através da Literatura Cearense* (crítica literária), 1948; *Aspectos Históricos da Língua Nacional no Ceará*, 1949; *Contribuição ao Estudo da Influência no Linguajar Cearense*, 1951; *Os Estudos Folclóricos e Etnográficos Cearenses*, 1952; *Resado no Interior Cearense*, 1954; *Sobre o Torém* (dança de procedência indígena), 1955; *Ensaio de Interpretação Lingüística*, 1954. E também: *Estudos de Lexicografia e Semântica Cearense*, nos Anais do I Congresso Brasileiro de Folclore, Rio, 1955; *Contribuição ao Estudo da Pronúncia Cearense*, nos Anais do II Congresso da Língua Nacional Cantada, S. Paulo; *Subsídio Para uma Antroponímia Cearense*, na revista CLÃ, Fortaleza; *Toponímia Cearense*, nos Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia, Rio, 1952; *Relativismo e Pragmatismo na Linguagem Oral* (ensaio na revista Clã), 1957; *Dicionário de Termos Populares* (registrados no Ceará), 1958; *Antologia do Folclore Cearense*, 1968.

24

PATRONO

LÍVIO BARRETO. Filho de José Soares Barreto e Mariana da Rocha Barreto, nasceu na fazenda Angicos, distrito de Iboaçú, município de Granja, no dia 18 de fevereiro de 1870 e faleceu, repentinamente, em Camocim, a 29 de setembro de 1895.

Poeta. Pertenceu ao grupo da Padaria Espiritual e, na qualidade de *padeiro*, adotava o nome de Lucas Bizarro. Seus versos, de publicação póstuma, foram editados num pequeno volume, em 1897, sob o título de *Dolentes*, por iniciativa da Padaria, com um prefácio de Valdemiro Cavalcanti. Desse livro a Secretaria de Cultura do Ceará publicou em 1970 a 2ª edição, organizada por Braga Montenegro e com apresentação e notas de Sânzio de Azevedo. Sua poesia, conquanto não possa, caracterizadamente, ser classificada como simbolista, está muito ligada à dos decadentes, seus contemporâneos, pelo acento místico, pelo tom dominante de sua inspiração. Não obstante, viveu predestinadamente romântico, e sob muitos aspectos assim deve ser encarada a sua personalidade poética, não só pela obra, como pela vida e o fato de ter morrido jovem, após uma existência dolorosa e acidentada, a que não faltou, para melhor lhe acentuar o destino funesto, a aventura de um naufrágio. Por temperamento e educação e ainda pela idade, pouco mais que adolescente, foi, à maneira de Casimiro de Abreu e Álvares de Azevedo, perseguido pela ânsia e o medo do amor, sentimentos atenuados, embora, por natural sobriedade que é, justamente, o que o situa a meio caminho entre românticos e simbolistas. Seus biógrafos o descrevem como um rapazinho magro, moreno, de pouca estatura, mas muito vivo, de extrema sensibilidade e indômita rebeldia. Carecido de recursos, forçado a exercer humildes atividades de caixeiro ou guarda-livros no interior, o poeta, pelo seu talento e virtudes, fora admitido numa sociedade de letras que reunia, àquele tempo, o melhor da intelectualidade da Província. Foi um autodidata. Seus estudos regulares não passaram das primeiras letras. Para completar-lhe a educação tomou depois, particularmente, aulas de Português, Francês e Geografia, nas horas escassas que lhe permitia o labor comercial. Entre 1888 e 1891, residiu em Belém do Pará, tendo dali regressado, em 7 de agosto deste último ano, para a cidade de Granja, a curar-se do beribéri, de que fora acometido na Amazônia. Colaborou nos jornais *Iracema*, *A Luz*, *Libertador* e, com mais assiduidade, em *O Pão*. No dia 29 de junho de 1895, pela madrugada, o poeta naufragou entre

Fortaleza e Camucim, salvando-se a nado. Ainda na praia, onde seria recolhido em extrema penúria, compôs a poesia “Náufrago”!, a mais romântica de suas produções.

1º OCUPANTE

Antônio SALES CAMPOS. Nascido na então vila, hoje cidade de Tamboril, filho de Francisco Sales Ribeiro Campos e Ana Barbosa Cordeiro Campos. Poeta e educador. Foi Diretor da Instrução Pública. Teve boa atuação nos meios intelectuais cearenses como autor de inúmeros versos publicados em revistas e jornais, mas, empenhando-se em polêmica acirrada com o diretor de um dos jornais da cidade, achou melhor procurar o Sul do País, onde pudesse, sem maiores conseqüências, viver bem no seu magistério e dar mais expansão a suas produções literárias. Localizou-se no Estado de São Paulo, onde lecionou Literatura no Colégio Universitário, foi Livre-Docente de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo, sendo também professor do Colégio Rio Branco e do Colégio Estadual Franklin D. Roosevelt. Estreou na poética com bastante êxito, publicando *Alameda do Sonho*, 1919. “A música e a doçura são qualidades características dos versos do poeta cearense”, “porém em algumas composições do livro a espontaneidade é como que sacrificada pela preferência do autor às rimas difíceis” — é de Antônio Sales. E acrescenta: “Pelo feitio geral de seus versos, Sales Campos, como todos os novos, é um parnasiano: todos usam a opa da mesma confraria da Forma, naturalmente porque continuam a pensar que a Forma prima a Idéia, como os alemães pensam que a Força prima o Direito.” Isto foi escrito em 1919. Organizou a coletânea, muito apreciada, *A Poesia Cearense no Centenário*, 1922, na qual inclui versos de Antônio Sales, pe. Antônio Tomás, Alf. Castro, Antônio de Castro, Antônio Furtado, Beni Carvalho, Cruz Filho, Clóvis Monteiro, Carlos Gondim, Epifânio Leite, Irineu Filho, José Albano, Júlio Maciel, Juvenal Galeno, Leão de Vasconcelos, Mário Linhares, Otacílio de Azevedo, Quintino Cunha, Rodolfo Teófilo, Rodrigues de Andrade, Soares Bulcão, Sabóia Ribeiro e alguns do autor. Na